

GOMES; Gabriel Lopes¹, PINTO; Flora Côrtes Daemon de Souza²

RESUMO

A presente pesquisa tem como foco o acervo imagético do *Archivo Provincial de la Memoria de Córdoba*, na Argentina, um equipamento de preservação da memória das vítimas de violência do regime ditatorial daquele país. Trata-se do “*Registro de Extremistas*”, conjunto de negativos fotográficos que foram considerados lixo pelos repressores, mas que circunstancialmente permaneceram preservados ao longo de décadas em circunstâncias pouco conhecidas. É a partir deste material que refletimos sobre as marcas involuntárias de presença dos agentes do Estado em imagens produzidas em um centro clandestino de tortura que não possuíam a qualidade necessária para serem considerados registros prontuariais. Nos dedicamos, ao longo da pesquisa, a observar as marcas de presença de autor na constituição das imagens violentas com foco em tais imagens. Nosso objetivo é identificar, nas cenas capturadas, os vestígios dissimulados da presença do sujeito violador em negativos de fotografias tomadas pela Polícia local desde 1964. Por se tratar originalmente de negativos e não de fotos reveladas, é possível pensar que tais peças extrapolam a ideia de retratos policiais justamente por colocar em cena elementos incomuns a este tipo de fotografia: os corpos fugidios dos algozes. Fragmentados, desmembrados, ativos e presentificados, os perpetradores da violência aparecem inevitavelmente inscritos na materialidade daquelas imagens na qualidade de sujeitos do delito e do discurso (Foucault, 1977). É importante atentar que havia, naquele momento, um cuidado na preservação da identidade daqueles que estavam diretamente envolvidos nos dolos às vítimas, mesmo que estes estivessem sob a proteção do regime político vigente. Nos dedicamos, justamente, ao que escapa ao intento de controle das fotografias prontuariais – que catalogavam indivíduos considerados perigosos –, ao focalizarmos os fragmentos de corpos dos agentes em negativos que circunstancialmente não foram descartados. Ainda que em primeiro plano se encontrem presos posicionados compulsoriamente diante da câmera, buscamos a segunda camada da imagem na qual figuram os agentes do terrorismo de Estado, atados ao dolo que cometeram por meio do registro fotográfico. Ao deslocarmos a atenção para os lapsos, apostamos na percepção de um contra-arquivo que também produz sentidos e complexifica o terrorismo de Estado pela observação de tais presenças fugidias. Para o desenvolvimento desta pesquisa, trabalhamos com um referencial teórico-metodológico compreende os estudos da imagem (Barthes, 2018; Didi-Huberman, 2013; Schäfer, 2017) e, também, a pesquisas sobre memória, ditadura e restituição da verdade (Brodsky, 2005, Catela, 2012; Seoane, 2005).

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura argentina, Fotografia, Córdoba, Registro de Extremistas, Terrorismo de Estado

¹ UFRRJ, gabriellopesgomes1306@gmail.com

² UFRRJ, floradaemon@yahoo.com.br